



## PREVALÊNCIA DE ANSIEDADE EM ESTUDANTES DE MEDICINA

Brendo Rodrigues Costa<sup>1</sup>; Viviani Betiati<sup>2</sup>; Marcela de Oliveira Demitto<sup>3</sup>; Fernanda Shizue Nishida<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Acadêmico do Curso de Medicina, Centro Universitário de Maringá – UNICESUMAR, Maringá-PR. Bolsista PIBIC/UniCesumar.

<sup>2</sup>Mestre em Promoção da Saúde - PPGPS, UNICESUMAR, Maringá-PR.

<sup>3</sup>Doutora, Docente do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR.

<sup>4</sup>Orientadora, Doutora, Departamento de Medicina e Mestrado Promoção da Saúde, UNICESUMAR. Pesquisadora do Instituto Cesumar de Ciência, Tecnologia e Inovação – ICETI.

**RESUMO:** Este estudo objetivou verificar a prevalência de ansiedade em estudantes do curso de medicina e os fatores associados à sua ocorrência. Trata-se de um estudo transversal, descritivo, exploratório. A população do presente estudo é constituída por todos os alunos matriculados no curso de medicina, desde o 1º ao 6º ano, totalizando 835 alunos. Os dados foram registrados no momento da coleta em um formulário único. Para identificar os níveis de ansiedade dos acadêmicos do curso de medicina foi utilizado a Escala de Ansiedade de Beck – BAS. Este instrumento é composto de 21 perguntas cujo respondente deveria optar por uma dentre as quatro afirmativas possíveis como resposta, avaliando gradativamente os níveis de ansiedade. Os critérios de exclusão adotados: Estudantes menores de 18 anos, ausentes no momento de aplicação do questionário e que não assinaram o termo. Os resultados obtidos com base no questionário de Escala de Ansiedade Beck – BAS, sugerem que há alta prevalência de ansiedade entre estudantes de medicina, em que mais da metade dos estudantes entrevistados possui grau mínimo de ansiedade e 25% apresentam ansiedade grau leve ao passo que 6% apresentam ansiedade severa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Acadêmicos; Ansiedade; Medicina.

### 1 INTRODUÇÃO

A ansiedade, apesar de ser um fenômeno universal, vivenciado por todo ser humano, inúmeras vezes ao longo de sua vida, ainda não possui uma definição exata (GAMA et al, 2008). Um dos conceitos dessa sensação, trata-se de respostas psicológicas e físicas à ameaça do autoconceito, caracterizando-se por um sentimento subjetivo de apreensão, percebido pela consciência, e grande atividade do sistema nervoso autônomo. Altos níveis de ansiedade podem afetar a aprendizagem e o desempenho (MAGILL, 2002).

A ansiedade pode ser facilmente notada, normalmente ela é percebida como uma emoção caracterizada por um alerta tenso e fisicamente exaustivo, focalizado em um perigo ou emergência iminente e inevitável, embora não objetivamente aparente, com uma incerteza dolorosa sobre a possibilidade de se resolver a situação (MARTIN, 1998).

Estresse e ansiedade acompanham os alunos antes do ingresso em universidades, estando presentes desde o período pré-vestibular em que conflitos de ordem emocional, a grande competitividade e a necessidade de ajustar-se profissionalmente geram grande desconforto e tensão (SANTOS F.S; et al, 2017). Estima-se que 15-25% dos estudantes universitários apresentam algum tipo de transtorno psiquiátrico durante sua formação acadêmica (ADEWUIA et al, 2006), dá-se ênfase aos mais comuns como depressão e ansiedade (HAHN, FERRAZ, 1998).

Durante o primeiro ano do curso, os estudantes apresentam significantes mudanças de hábito para se adaptarem à escola médica, especialmente no primeiro semestre (BALDASSIN, MARTINS, ANDRADE, 2006). O aluno depara-se com um cenário exigente e repleto de demandas, que frequentemente requer habilidades de aprendizagem e de ordem emocional, somando-se a questões recorrentes como por exemplo, morar sozinho, a distância da família e as horas de atividades extenuantes vinculadas ao curso integral (Aguiar, Vieira, Vieira, Aguiar, & Nóbrega, 2009).



Dentre os inúmeros aspectos importantes que surtem efeito negativo sobre a qualidade de vida de estudantes de medicina, destacam-se também as alterações referentes a privação de sono e modificações do ciclo sono-vigília. Modificações estas como consequência da dificuldade em conciliar atividades acadêmicas e ambulatoriais (Cardoso, H. C. et al. 2009). Esse quadro resulta na mudança do estilo de vida, convívio familiar e social de muitos universitários, além das intrínsecas situações inerentes da faixa etária dos estudantes, que são caracterizadas por significativas instabilidades biopsicossociais.

Em face destas premissas, considerando a gama de mudanças na vida dos jovens durante a graduação, bem como a própria característica da graduação em medicina; O presente estudo teve como objetivo verificar a prevalência de ansiedade em estudantes do curso de medicina de um Centro Universitário Privado do Noroeste do Paraná.

## 2 MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de um estudo transversal, descritivo, exploratório. A população do presente estudo é constituída por todos os alunos matriculados no curso de medicina de um Centro Universitário Privado do Noroeste do Paraná, sendo estes acadêmicos do 1º ao 6º ano, totalizando 835 alunos.

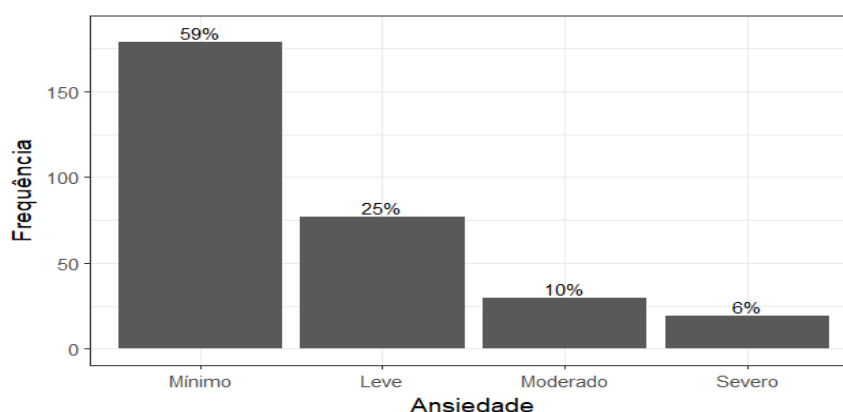
Os dados foram coletados por 6 acadêmicos do curso de Medicina, por meio de um questionário autoaplicável, que foi apresentado às turmas de medicina no final das aulas. A explicação sobre o questionário e preenchimento do mesmo pelos alunos, teve duração média de 10 minutos.

Para identificar características de ansiedade foi utilizado o questionário BAI (Inventário de Ansiedade de Beck), com 21 questões. Cada assertiva apresenta quatro possíveis respostas sendo: Absolutamente não, Levemente: não me incomodou muito; Moderadamente: foi desagradável, mas pude suportar; Severamente: dificilmente pude suportar. Pode-se obter um resultado máximo de 63 pontos e as categorias são: 0-10: grau mínimo de ansiedade; 11-19: ansiedade leve; 20-30 ansiedade moderada; 31-63 ansiedade severa.

O projeto foi submetido ao Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UniCesumar, conforme a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Do total de alunos, mais da metade (58,75%) é do sexo feminino. A faixa etária mais observada foi de 20-24 anos com 65,34%. A cor/raça mais encontrada foi branca com 86,66%. Do total de estudantes 27,04% estavam no primeiro ano do curso. Observa-se na Figura 1 que mais da metade dos estudantes entrevistados apresentam ansiedade mínima, de acordo com a classificação do instrumento BAI, ao passo que 25% deles apresentam ansiedade leve, 10% ansiedade moderada e apenas 6% são caracterizados com ansiedade severa.



**Figura 1** - Distribuição de frequências da classificação de ansiedade do instrumento BAI, obtida pelos participantes.



A distribuição de frequências dos fatores considerados, de acordo com o diagnóstico de ansiedade, assim como os resultados do teste de associação qui-quadrado ( $\chi^2$ ) e estimativas da OR bruta, com seus respectivos intervalos de 95% de confiança e valor p, obtidos através do ajuste de modelos logísticos univariados, estão dispostos na Tabela 1.

**Tabela 1** - Análise univariada da ansiedade em função de fatores em estudo e resultado do teste de associação qui-quadrado.

Fatores	Ansiedade		OR Bruta	IC 95%	Valor p	Teste Valor p
	Não	Sim				
<b>Sexo</b>						0,083
Masculino	140 (27%)	71 (14%)	1,00	-	-	
Feminino	180 (35%)	126 (24%)	1,38	0,96 - 1,99	0,084	
<b>Cor/raça</b>						0,398
Branco	275 (53%)	176 (34%)	1,00	-	-	
Negro	9 (2%)	2 (0%)	0,35	0,05 - 1,37	0,179	
Amarelo	19 (4%)	8 (2%)	0,66	0,27 - 1,49	0,333	
Pardo	17 (3%)	12 (2%)	1,10	0,50 - 2,35	0,801	
<b>Série do curso</b>						0,070
Primeira	95 (18%)	50 (10%)	1,00	-	-	
Segunda	47 (9%)	47 (9%)	1,90	1,12 - 3,24	0,018	
Terceira	74 (14%)	49 (9%)	1,26	0,76 - 2,07	0,366	
Quarta	46 (9%)	19 (4%)	0,78	0,41 - 1,47	0,454	
Quinta	38 (7%)	18 (3%)	0,90	0,46 - 1,72	0,753	
Sexta	20 (4%)	16 (3%)	1,52	0,72 - 3,19	0,268	
<b>Estado civil</b>						0,245
Solteiro	309 (60%)	187 (36%)	1,00	-	-	
Outros	11 (2%)	11 (2%)	1,65	0,69 - 3,93	0,250	
<b>Idade</b>						0,016
Menos de 20 anos	41 (8%)	25 (5%)	1,00	-	-	
De 20 a 24 anos	198 (38%)	143 (28%)	1,18	0,69 - 2,06	0,540	
De 25 a 40 anos	80 (16%)	29 (6%)	0,59	0,31 - 1,15	0,119	

OR: *odds ratio*;

IC 95%: Intervalo de 95% de confiança para OR.

Os resultados apresentados na Tabela 1 mostram que apenas 38% dos estudantes avaliados foram caracterizados como tendo ansiedade (leve, moderada ou severa), de acordo com a classificação do instrumento BAI. Nota-se que os estudantes do segundo ano apresentam 90% de chances a mais de ter ansiedade em relação àqueles do primeiro ano (OR = 1,90).

Para as demais características, não houveram evidências suficientes de que as diferenças observadas na razão de chances de ter ansiedade são significativas.

Em relação a classificação de ansiedade, uma prevalência de 59% dos estudantes apresentaram ansiedade mínima em nossa pesquisa, seguidos de 25% leve, 10% moderada e 6% severa. Diferente do estudo de Teh et al (2015), onde a prevalência de ansiedade de moderada a extremamente grave foi de 55,5%. Ibrahim e Abdelreheem (2015), em seu estudo, na cidade de Alexandria, com número total de 164 alunos da Faculdade de Medicina, encontraram uma prevalência de ansiedade na faixa de 92 (56,1%), 55 (33,5%) e 17 (10,4%), classificadas como muito baixos, moderados e graves, respectivamente

Wahed e Hassan (2016), apontaram um valor ainda maior em seu estudo com 442 alunos, onde a prevalência de ansiedade entre os estudantes ficou em 64,3%. Moreira e Furegato (2013), consideram este, um dos fatores que podem desencadear o estresse, levando ao agravamento do sistema imune (LYRA et al., 2010), com conseqüente aumento de quadros depressivos (SOUSA E BORGES, 2016).

Ansiedade é um problema mundial que reflete a saúde mental da população (MITCHELL et al., 1983), sendo que a presença de sintomas ansiosos também contribuem para a presença de sintomas depressivos na adultez emergente (VILLATTE et al., 2017).



Kunwar et al (2016), encontraram uma prevalência de ansiedade de 29,9%. Entretanto, os dados são variados. Na Universidade de Alexandria; 43,9% dos estudantes de medicina sofriam de ansiedade (IBRAHIM E ABDELREHEEM, 2015). Wahed e Hassan (2016), em seu estudo na Universidade de Fayoum, com 834 universitários, encontraram prevalência da patologia entre 64,3% dos estudantes de medicina. Abdallah e Gabr (2014), em seu estudo, realizado em uma universidades do Egito relataram que a prevalência de ansiedade entre os estudantes de 63,6%.

#### **4 CONCLUSÃO**

Observou-se que há alta prevalência de ansiedade entre os alunos de medicina, apresentando-se esta em diferentes graus, associada significativamente à série escolar. Aspectos interessantes quanto a esta constatação referem-se ao fato de que estes níveis de ansiedade tendem a ser maiores nos primeiros anos do curso de medicina. Questões como ser do sexo feminino, solteiro e ter idade entre 20-24 anos embora não tenham apresentado associação estatisticamente significativa podem ser fatores que se relacionam à ansiedade necessitando de outros estudos com um contingente maior de indivíduos. Assim compreende-se que há novos campos a serem explorados no que tange a gênese de ansiedade e seu vínculo a condições socioeconômicas no contexto de educação em medicina.

A maior prevalência de ansiedade em mulheres mostra-se um fator ainda pouco elucidado, porém de relevante importância, uma vez que a mulher assume a cada dia novos espaços de inserção e atuação no mercado de trabalho. Conquanto a literatura seja escassa no que se reporta a prevalência de ansiedade em acadêmicos de medicina, é preciso valorizar a busca de novos estudos sobre este assunto. O panorama geral sobre ansiedade deve ser observado de modo interdisciplinar e multifocal, pois, ela frequentemente está associada a variada gama de transtornos mentais.

Desse modo, trabalhos como este são sobremaneira importantes por estabelecer questionamentos sobre uma avaliação integral do aluno de medicina. As interações entre as esferas biológicas, físicas, psíquicas e socioeconômicas são componentes chave que necessitam ser melhor entendidos e trabalhados, a fim de otimizar a experiência do estudante. Reitera-se dessa forma a busca imprescindível de novos estudos no intuito de identificar informações e estabelecer sugestões práticas que tornem efetiva a redução dos níveis de ansiedade e melhora da qualidade de vida do estudante de medicina

#### **REFERÊNCIAS**

ABDALLAH. A.R; GABR. H.M. Depression, anxiety and stress among first year medical students in an Egyptian public university. *Int Res J Med Med Sci*; 2(1):11–9. 2014.

ADEWUYA, Abiodun O. et al. Depression amongst Nigerian university students. *Social psychiatry and psychiatric epidemiology*, v. 41, n. 8, p. 674-678, 2006.

AGUIAR, S. M., Vieira, A. P. G. F., Vieira, K. M. F., Aguiar, S. M., & Nóbrega, J. O. Prevalência de sintomas de estresse nos estudantes de medicina. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 58(1), 34-3 2009.

BALDASSIN, S. ANDRADE, A.G. MARTINS, L.C: Traços de ansiedade entre estudantes de medicina. *Arq Med ABC*. 31: 27-31; 2006.

CARDOSO, H. C. et al. Avaliação da qualidade do sono em estudantes de Medicina. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 33(3), 349-355. 2009.



GAMA, M. M. A, et al. Ansiedade-traço em estudantes universitários de Aracaju (SE) Rev Psiquiatr RS.30(1):19-24 2008.

HAHN, Michelle Selma; FERRAZ, Marcos PT. Características da clientela de um programa de saúde mental para estudantes universitários brasileiros. Rev. ABP-APAL, v. 20, n. 2, p. 45-53, 1998.

IBRAHIM, Motaz B. ABDELREHEEM, Moataz H. Prevalence of anxiety and depression among medical and pharmaceutical students in Alexandria University. Alexandria Journal of Medicine (2015) 51, 167–173.

KUNWAR, D. et al. Study of depression, anxiety and stress among the medical students in two medical colleges of nepal. Kathmandu Univ Med J; 53(1):22-6. 2016.

LYRA, C.S. de et al. Eficácia da aroma terapia na redução de níveis de estresse e ansiedade em alunos. Fisioterapia e Pesquisa, São Paulo, v.17, n.1, p.13-7, jan/mar. 2010.

MAGILL, R.A. Aprendizagem motora: conceitos e aplicações. 5ª ed. São Paulo (SP): Edgard Blücher; 2002.

MARTIN, P. Animal models sensitive to antianxiety agents. Acta Psychiatr Scand Suppl. 98(393):74-80.1998.

MITCHELL, R. E. et al. The question of stress among first year medical students. J Med Educ; 58:367–72. 1983.

MOREIRA, Danila, P.; FUREGATO, Antônia Regina F. Estresse e depressão entre alunos do último período de dois cursos de enfermagem. Revista Latino-Americana de Enfermagem, v. 21, 2013.

SANTOS F.S; et al. Estresse em Estudantes de Cursos Preparatórios e de Graduação em Medicina. Rev. bras. educ. med. vol.41, n.2, pp.194-200; 2017.

SOUSA, Keroléen Jamile Queiroz de; BORGES, Grasiely Faccin. Estilo de Vida, Atividade Física e Coeficiente Acadêmico de Universitários do Interior do Amazonas-Brasil. Revista Brasileira de Ciências da Saúde, v. 20, n. 4, p. 277-284, 2016.

TEH, Choon Khim et al. Depression, Anxiety and Stress among Undergraduate Students: A Cross Sectional Study. Open Journal of Epidemiology, 2015, 5, 260-268 Published Online November 2015 in SciRes. <http://www.scirp.org/journal/ojepi> <http://dx.doi.org/10.4236/ojepi.2015.54030>.

VILLATTE. Aude et al. Correlates of Depression in College Students. CJHE / RCES Volume 47, No. 1, 2017.

WAHED, W.Y. Abdel; HASSAN, S.K. Prevalence and associated factors of stress, anxiety and depression. Alexandria Journal of Medicine (2016).